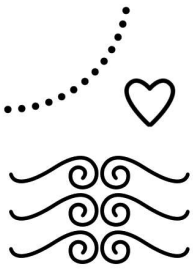




**CON
FIA**
2020

**8th INTERNATIONAL
CONFERENCE ON
ILLUSTRATION
& ANIMATION
23-24 OCTOBER**

Publisher / Editor: Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
Address / Morada ESD- IPCA: Vila Frescaínha, S. Martinho,
4750-810 Barcelos, Portugal
October / Outubro 2020
ISBN: 978-989-54939-0-6
8th International Conference on Illustration and Animation
8 ed. Conferência Internacional em Ilustração e Animação
Editorial Design / Design editorial · Cláudio Ferreira
Pagination / Paginação · Manuel Albino
Cover Design / Design da Capa · Helena Carneiro Ribeiro & Izaac Brito



O papel da ilustração na educação para a cidadania global: imprevisibilidades do olhar

Dulce Melão¹

dulcemelao@esev.ipv.pt

[Ilustração / Illustration]

Keywords

Illustration, Picturebook,
Global Citizenship
Education.

Abstract

The relevance of understanding the concept of Education for Global Citizenship (EGC) has been gaining prominence in educational contexts, deserving increasing attention. However, less emphasis has been placed on the role that illustration can play to illuminate its multifaceted character. This article aims to address such a role, through the analysis of the picturebook *Nothing ever happens on my block*, by Ellen Raskin. The article seeks to shed light on the ways the interaction prompted by the synergies between text and image, instill a playful dynamic, making it possible to experience the conceptual dimensions of Education for Global Citizenship (cognitive, socioemotional and behavioral). The article concludes by pointing out ways to envisage this picturebook as a powerful tool to rethink the role each one of us can play in the community, instigating action for the common good.

1. Introdução

Numa sociedade crescentemente caracterizada por desafios à escala global que se repercutem a nível local, em movimentos cíclicos de inesperada duração, ganha relevo repensar a Educação para a cidadania global (ECG). A ilustração, ecrã privilegiado de reescrita de mundos e da sua escuta, faculta-nos amplo alento para tal reflexão, mormente quando encontra abrigo no livro-álbum contemporâneo. No entanto, pouca ênfase tem sido atribuída ao papel que a ilustração pode desempenhar para iluminar o carácter multifacetado de que se reveste a ECG, desvelando as suas complexidades. Este artigo procura indagar tal papel, através da análise do livro-álbum *Nunca se passa nada no meu bairro*, de Ellen Raskin [1], centrando a atenção no modo como as opções da autora/ilustradora, no que se refere à interação texto/imagem, promovem uma dinâmica lúdica e possibilitam aos leitores vivenciar alguns aspetos associados às dimensões conceptuais da ECG: dimensão cognitiva, socioemocional e comportamental [2]. O artigo é, assim, norteador pelo objetivo de desvendar percursos de ECG reconstruídos através das ilustrações e de proporcionar uma reflexão atenta sobre os modos como tais percursos podem desafiar os leitores a fruir a leitura enquanto experiência acalentadora de imprevisibilidades do olhar.

¹ Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI), Viseu, Portugal

De modo a cumprir os objetivos enunciados, aborda-se a arquitetura peritextual do livro-álbum, sublinha-se o seu caráter inusitado e indagam-se os itinerários narrativos oferecidos aos leitores através das ilustrações, pinceladas de criatividade reverberando nas duplas páginas – apelo peregrino aos reencontros com o inesperado.

O referencial teórico do artigo ganha alicerces no guia pedagógico *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem*, no âmbito do qual a cidadania global é entendida como «(...) sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e a uma humanidade comum. Ela enfatiza a interdependência e a interconexão política, social e cultural entre os níveis local, nacional e global» [3]. Acresce a tal referencial a literatura de especialidade relativa às sinergias entre o texto e a imagem no livro-álbum contemporâneo, assumindo características cada vez mais diversificadas, versáteis e inusitadas [4] [5]. Ao longo do artigo, este referencial teórico será mobilizado, entrando em diálogo com a análise realizada, de modo a incutir-lhe ampla teia de sentidos.

O artigo conclui apontando os modos como as ilustrações deste livro-álbum possibilitam repensar o papel de cada um de nós na comunidade em que se insere, instigando à ação em prol do bem comum. Nos múltiplos sentidos que reverberam, as ilustrações possibilitam compreender diferentes matizes da ECG, seduzindo, concomitantemente, os leitores.

2 Imprevisibilidades do Olhar

Nunca se passa nada no meu bairro, de Ellen Raskin [6] foi originalmente publicado em 1966, tendo sido reeditado pela Bruaá em 2017. É recomendado pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) para a faixa etária dos 6-8 anos de idade; em nosso entender, porém (e à semelhança do que sucede com outros livros-álbums atualmente), tem amplo escopo de possibilidades de leitura.

A narrativa constrói-se a partir do olhar disfórico sobre o mundo da personagem principal, Carlos Alberto, cujos descontentamentos e frustrações são partilhados com os leitores – em cruzamento profícuo de olhares sobre o que acontece no bairro onde habita. Das suas imprevisibilidades se vão nutrindo encontros cúmplices com os leitores, através de percursos que, a par e passo, os surpreendem e os instigam a demandar diferentes trilhos de exploração da obra.

2.1. Arquitetura Peritextual: do Inesperado como Alento

Como sublinham Ballester e Ibarra, «La lectura comienza antes de la lectura. De hecho, no se pueden leer textos o libros sí no se ha empezado a leer el mundo que nos rodea» [6]. O convite que renova tal releitura do mundo é lançado aos leitores na capa e na contracapa deste livro-álbum, através de um conjunto de estratégias devidamente concertadas: i) a escolha inusitada do título, aliada à sua disposição gráfica; ii) o prolongamento da capa na contracapa, mobilizando a atenção; iii) a opção da editora pelo cariz da sinopse apresentada, em letras maiúsculas, na contracapa.

A seleção do título – *Nunca se passa nada no meu bairro* – instala felizes descontentamentos. Por um lado, o seu caráter invulgarmente pouco apelativo para os leitores, aparenta dissuadi-los de prosseguirem a leitura;

por outro, ocorre justamente o contrário: a surpresa inicial pode justificar inesperados alentos em busca da narração do que não se passa. Atente-se, em seguida, na disposição gráfica do título:

NUNCA
SE
PASSA
NADA
NO
MEU
BAIRRO

Não só os leitores são chamados a percorrer cada palavra demoradamente, saboreando os seus ecos, como a repetição da consoante oclusiva nasal, [n], acentua a negação que lhe está implícita (não se passar nada naquele bairro), apontando para o seu caráter disfórico. Tal processo de inferências é consolidado através da expressão facial fechada do menino que surge na capa, vestido de preto, em claro contraste com o banho de azul-céu em pano de fundo, onde cada casa de características insólitas apresenta, como cor única, o vermelho (3 casas), o amarelo (2 casas) ou o azul claro (1 casa).

O todo constituído pela capa e pela contracapa oferece aos leitores uma visão desafogada de um bairro, onde essas seis casas se perfilam, em multiplicação de linhas distintas e diversificadas que captam a atenção. A maioria distingue-se não só por uma ampla escadaria que dá para a rua como também pela inusual profusão de janelas, acentuando o relevo do detalhe. A opção por se vislumbrar, apenas, através da janela aberta de uma das casas, uma mulher a tricotar, contribui para o desenho de um silêncio pesado que contrasta com os tons alegres das casas, bem como a atenção concedida à sua ornamentação (colunas, arcos, etc.).

A sinopse apresentada na contracapa renova o apelo à redescoberta do invulgar: «O seu nome era Carlos Alberto e, tanto quanto ele conseguia ver, nunca se passada nada no seu bairro. Ele sonhava com desfiles de bandas, casas assombradas, leões e tigres ferozes e até fogo de artifício. Mas o que é que ele tinha? Nada, nada que ele visse. Mas se olharmos bem, talvez vejamos algumas coisas que escaparam ao Carlos Alberto». Da sinopse transcrita se infere: i) a oposição entre Carlos Alberto e outros, frisada pela repetição do pronome pessoal «ele», em estreita correlação com o «nós» subentendido na atitude de quem decidir «olhar bem»; ii) a distinção ver/olhar, alicerçando a diferença entre a capacidade relativa ao uso da visão e a contemplação/apreciação de modo cuidado; iii) a relevância dos sonhos acalentados por uma criança, no embalo da imaginação. O apelo direcionado aos leitores – «(...) se olharmos bem, talvez vejamos algumas coisas que escaparam ao Carlos Alberto» – tem implícita a importância de uma das dimensões conceptuais da ECG: a dimensão socioemocional que implica o desenvolvimento de atitudes de empatia, na vivência com outros, alimentando solidariedades que não autorizam o foco no cumprimento de objetivos apenas individuais [7].

A dedicatória corrobora as expectativas geradas pela sinopse, ao destacar Carlos Alberto como exceção relativamente aos que o rodeiam: «Este livro é dedicado à Susan, à Patty, ao Steve, ao Larry e a todas as crianças do mundo inteiro. Menos o Carlos Alberto. Ele é uma seca». O reiterado sublinhar das características de Carlos Alberto contribui para aguçar a curiosidade dos leitores, dado que este surge, de novo, no mergulho do azul da página, de semblante carregado, a denunciar insatisfação.

2.2. Percursos Narrativos Através da Ilustração

Na reflexão que realiza sobre a relação palavra/imagem em «livros sem palavras», Segabinazi [8] reforça a relevância da literatura no que respeita ao desabrochar da curiosidade das crianças, entendendo que as imagens convocam a sua participação ativa, «(...) também porque é uma fase propícia para descobrir a ilustração, apreciar e ler com mais detalhes, aguçando o olhar, a perceção e o senso estético para a crítica e a leitura». A literatura de especialidade centrada no livro-álbum contemporâneo associa, igualmente, a experiência da leitura como fruição à apreciação das imagens por parte dos leitores, em processo mútuo de reconstrução de sentidos, revigorante e prazeroso [9] [10].

Como refere, de modo muito belo, Manoel de Barros, «Imagens são palavras que nos faltaram» [11]. Os sentidos que daí renascem são esculpados primorosamente por Ellen Raskin neste livro-álbum, em ampla delícia visual – movimento perene dos olhares aí espelhados.

No ensaio que consagra à «visibilidade», um dos valores da literatura que considera merecer atenção, Italo Calvino sublinha que podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: «(...) o que parte da palavra e chega à imagem visual e o que parte da imagem visual e chega à expressão verbal» [12]. Neste livro-álbum a autora/ilustradora desafia os leitores a participarem numa combinação de tais processos, em incessante busca de sentidos que possam aplacar a sua sede de redescobertas, nunca terminadas.

O livro-álbum organiza-se de acordo com um dispositivo narrativo de sequências visuais que estabelecem um profundo contraste com o narrado, na primeira pessoa, pelo protagonista, Carlos Alberto. Ao longo da obra, este permanece sentado, junto a uma árvore, de costas voltadas para o bairro, excluindo-se, em pleno, das vivências do quotidiano e, por consequência, do estabelecimento de relações com os que o rodeiam. Tal é sublinhado, com primor, pela expressão corporal de Carlos Alberto – braços pesadamente abandonados sobre o corpo, mãos cruzadas em desalentos, por exemplo – enquanto, à medida que se vai apresentando, destaca o que «alguns sítios têm» (por exemplo, desfiles de bandas filarmónicas, casas assombradas, piratas e tesouros enterrados, índios a caminho da batalha) em oposição ao seu bairro onde, em seu entender, não se passa nada.

O espaço exterior representado na dupla página – uma rua – possibilita o cruzamento de dois planos: i) a panorâmica geral do bairro, no bulício próprio do quotidiano, ii) a concentração do olhar dos leitores nas diferentes ações que vão tendo lugar nas casas apresentadas, bem como as dos transeuntes e as dos moradores no bairro. A dimensão lúdica da narrativa é também conseguida através desta multiplicação de planos, já

que os leitores são convocados a uma deambulação de olhares que possibilita acrescentar interesse e despertar curiosidade relativamente aos eventos que vão ocorrendo. Tal curiosidade é, pois, alimentada através de diferentes apelos que deliciosamente aguardam o envolvimento dos leitores, perante o desinteresse de Carlos Alberto:

- Uma bruxa que surge, alternadamente, à janela da sua casa, movendo-se, à medida que a narrativa avança, do lado direito do rés-do-chão da casa até ao último andar (regressando, posteriormente, à cave e reiniciando novo percurso); o insólito de tal ação não só exige particular atenção por parte dos leitores como incita ao questionamento sobre as razões do sucedido;
- Um grupo de três crianças que toca consecutivamente à campainha de uma das casas e foge, em animada brincadeira;
- Duas meninas que saltam à corda, com alegria, progredindo a contagem até 1405; uma delas cai, sendo chamada uma ambulância;
- A chegada de um carro de bombeiros para apagar o fogo que deflagrou numa das casas;
- Um gato que mia, solicitando a atenção do protagonista;
- Um ladrão perseguido por um polícia, posteriormente preso;
- Um paraquedista que aterra a dois passos de Carlos Alberto, junto à árvore que lhe dá abrigo;
- Uma viatura que transporta valores colide com um automóvel e o dinheiro que transporta voa pela rua, para gozo dos transeuntes.

Em nenhum momento a personagem principal toma a iniciativa de participar nas brincadeiras das outras crianças ou auxiliar os seus vizinhos – a sua concentração, em pleno, no que poderá estar a ocorrer em outros sítios impede-o de tomar parte em ações que fortaleçam o bem comum, ausentando-se dos quotidianos que deveriam fazer parte do seu. Tal inferência ganha particular força pelo facto de Carlos Alberto declarar, no final da narrativa: «Mas no meu bairro nunca se passa nada. Quando for grande vou sair daqui» [13].

Note-se, ainda, que a passagem do tempo é medida e assinalada pelas mudanças que vão ocorrendo, página a página, sob o olhar atento dos leitores: i) a árvore inicialmente plantada na rua germina alegremente, cresce e dá frutos; ii) o pintor termina o trabalho realizado numa das casas do bairro; iii) a casa onde ocorreu um incêndio é reconstruída; iv) a menina que caiu na rua, recupera e regressa para junto dos seus; v) a bruxa que ia espreitando em diferentes janelas de um das casas surge, no final, em todas as janelas; vi) o gato que miava passeia na rua com cinco gatinhos. A narrativa progride, assim, através das ilustrações, contrariando, permanentemente, a visão disfórica de Carlos Alberto, alheio a tudo o que rodeia (do princípio ao fim). A falta de cuidado impressa em tal alheamento nutre a reflexão dos leitores sobre o seu posicionamento no mundo, possibilitando-lhes inferir os efeitos que podem resultar de comportamentos semelhantes.

Ao exigir um olhar extraordinariamente vigilante face à miríade de situações que ocorrem no quotidiano, condenando a passividade e a apatia, enquanto enfatiza a necessidade de cuidarmos uns dos outros, a ilustração abre-se numa plêiade de caminhos que favorece o florescimento da empatia e da solidariedade – pilares fundamentais de uma sociedade

mais justa e acolhedora.

A ECG plasma-se, também, no destaque concedido ao direito de brincar das crianças: saltar à corda na rua, enfrentar os possíveis acidentes que podem ocorrer e ultrapassá-los expõe a construção de uma autonomia que contribui para a futura tomada de decisões que está no fulcro de tornar-se cidadão. Todo o percurso proposto através da narrativa visual alicerça a consolidação de atitudes e de comportamentos reflexivos que podem repercutir-se em futuras vivências das crianças, possibilitando-lhes desenvolver «habilidades de reflexão e de análise crítica» [14], envolvidas na dimensão cognitiva da ECG.

O livro-álbum proporciona também ampla reflexão sobre a importância de ser eticamente responsável e cuidar do bem comum – aspetos imbricados na dimensão comportamental. Possibilita, pois, a compreensão da relevância da generosidade para a reconstrução de quem somos e do papel que podemos desempenhar quando o cuidado preside às nossas ações no dia a dia.

3. Considerações finais

A reflexão realizada permitiu lançar luz sobre modos de vivenciar a educação para a ECG através dos percursos gizados no livro-álbum que sustentou o itinerário sugerido. Face aos desafios com que, atualmente, nos deparamos, este livro-álbum facultava vias para repensar os modos como as atitudes dos cidadãos a nível local se podem repercutir globalmente, sendo a falta de atenção relativamente aos Outros um dos aspetos que merece ser revisitado, em permanência.

Foi possível inferir que a atenção facultada ao pormenor que percorre, de modo intenso, todo o livro-álbum, se pode revelar um dos aspetos fundamentais de confluência da ECG enquanto compromisso com o cuidado e com a solidariedade. O convite à atenção traz implícita a demora e pode estimular a sua vivência mais ativa, nomeadamente em contextos em que o cuidado possa estar ausente.

A multiplicação de pequenas sequências narrativas instala a curiosidade sobre o seu desenrolar e contribui para fomentar a indagação sobre o que ocorre no quotidiano, nas múltiplas janelas que se abrem diante dos cidadãos. Nesse sentido, os percursos apresentados contribuem, também, para o reconhecimento dos benefícios das ações realizadas na comunidade e para a necessidade do envolvimento de todos em tal labor (em compromisso cívico perene).

Ao longo do livro-álbum, as ilustrações cativam os leitores, exercitam a sua imaginação e cultivam surpresas; desempenham, assim, um papel fundamental relativamente à consolidação da riqueza de pormenores que, desde o início da narrativa, invade a dupla página. Podem, pois, ser encaradas como uma fonte de fruição inesgotável, na medida em que cimentam cumplicidades que germinam, inesperadamente, do conjunto de sequências visuais que compõem a narrativa. A dinâmica lúdica conseguida pela multiplicação de detalhes alicerçados nas ações que quotidianamente ocorrem no bairro confere estatuto muito inusitado a este livro-álbum – incomum estendal de sonhos que abrigam imprevisibilidades do olhar.

Referência

1. Raskin, E. Nunca se Passa Nada no meu Bairro. Bruaá Editora, Figueira da Foz (2017).
2. UNESCO. Educação para a Cidadania Global: Tópicos e Objetivos de Aprendizagem. UNESCO, Brasília (2016).
3. UNESCO. Educação para a Cidadania Global: Tópicos e Objetivos de Aprendizagem. UNESCO, Brasília (2016).
4. Kümmerling-Meibauer, B. (Ed.). The Routledge Companion to Picturebooks. Routledge, London/New-York (2017).
5. Chun-Chun Wei & Min-Yuan Ma Designing Attractive Children's Picture Books: Evaluating the Attractiveness Factors of Various Picture Book Formats, The Design Journal, Vol. 23, N. 2, 287-308, DOI: 10.1080/14606925.2020.1718277 (2020).
6. Ballester, J. & Ibarra, N. La Educación Lectora, literaria y el libro en la Era Digital. Revista Chilena de Literatura, N. 94, pp. 147-172 (2016).
- 7 UNESCO. Educação para a Cidadania Global: Tópicos e Objetivos de Aprendizagem. UNESCO, Brasília (2016).
- 8 Segabinazi, D. Ler Livros Sem Palavras, Ler Imagens e Mundos. Revista Linhas, Vol. 18, N. 37, pp. 25-45 (2017).
- 9 Gama-Khalil, M. & Fonseca, P. (Orgs.) As Literaturas Infantil e Juvenil...ainda uma Vez GpEA/CAPEs, Uberlândia (2013).
- 10 Sotto-Mayor, G. Ilustração de Livros LIJ em Portugal na Primeira Década do Século XXI. Tropelias & Companhia, Porto (2016).
- 11 Barros, M. Poesia Completa. Relógio D'Água Editores, Lisboa (2016).
- 12 Calvino, I. Seis Propostas para o Próximo Milénio, 5.^a edição. Teorema, Lisboa (2016).
- 13 Raskin, E. Nunca se Passa Nada no meu Bairro. Bruaá Editora, Figueira da Foz (2017).
- 14 UNESCO. Educação para a Cidadania Global: Tópicos e Objetivos de Aprendizagem. UNESCO, Brasília (2016).